

# FH por Fernando Henrique

Presidente faz balanço dos 19 anos de vida pública e diz que sempre defendeu alianças

Jorge Bastos Moreno

BRASÍLIA

No dia 13 de janeiro faz 14 anos que o então senador Fernando Henrique Cardoso apresentou ao plenário da Constituinte uma emenda, protocolada sob o número 2P01516-6, propondo um mandato de quatro anos para o presidente da República, permitida uma vez a reeleição. A emenda foi rejeitada. Mal sabia ele que metade desse tempo decorrido seria consumida com o seu próprio mandato. Em março, Fernando Henrique completa 19 anos de vida pública, 12 deles como senador, intercalados com um curto período de ministério, que o projetou como candidato à Presidência. Cinco eleições disputadas e apenas uma derrota, para prefeito de São Paulo. Uma rápida viagem pelos anais do Senado e da Constituinte e por entrevistas do período que antecede sua participação no governo Itamar Franco revelam mais do que um político, quase um feiticeiro, no sentido amplo do termo, tanto na capacidade de seduzir como de se envolver em inexplicáveis magias. Em 1983, mal completando um ano de vida pública, integrando o PMDB, um partido lotado de presidenciáveis que se matavam uns aos outros, como Ulysses Guimarães, Franco Montoro, Tancredo Neves e Miguel Arraes, o intelectual cometeu uma heresia incompatível com a condição de recém-chegado na política:

"Eu sou, de longe, o mais preparado de todos eles para ser presidente da República. Mas não tenho a obsessão que eles têm. O Maluf, por exemplo, é um homem infeliz. Só pensa em ser presidente da República. Eu não. Eu só sei que amanhã vou pegar um avião para Paris", disse o então senador à jornalista Miriam Leitão.

Os implacáveis anais do Congresso, já em 88, registravam suas birras com Itamar. Ao discursar contra a convocação do então ministro das Comunicações, Antonio Carlos Magalhães, para apresentar seu famoso dossiê contra os senadores da CPI da Corrupção, a certa altura, ponderou:

"Lamento que percam tempo com questões de natureza. O Brasil é um país que não pode se dar ao luxo de se comportar dessa maneira. Com tantas questões sérias para serem discutidas, estamos perdendo tempo para dar acolhida a fofocas".

Itamar, autor do requerimento, enfureceu-se e, aos gritos, interrompeu-o:

"Quería ver se o nome de V. Exa. estivesse envolvido!"

E Fernando Henrique, calmamente:

"Se o meu nome estivesse envolvido, senador Itamar Franco, eu faria o que os senadores fizeram: iria aos tribunais, para exigir dos mesmos que tomassem o depoimento, se por acaso existisse, em consideração a alguma acusação. Não houve acusação alguma. Eu próprio já fui vítima desse mesmo ministro, que fez uma declaração leviana. A única atitude que tive foi a de, deste plenário, dizer que era leviana, porque disse que me tinha dado a concessão de um canal de televisão".

Anos depois, Fernando Henrique, já presidente, aceitaria a sugestão de Antônio Carlos e convidaria Itamar para embaixador em Portugal.

Com Ulysses Guimarães, um de seus últimos encontros ocorreu nas escadas do restaurante Piantella. A intimidade permitiu um conselho do amigo:

"Fernando, não quero me meter em seara alheia, mas você é muito importante para o Parlamento e para São Paulo. Acho mais seguro você tentar uma cadeira de deputado do que a reeleição de senador".

Em depoimento ao GLOBO, Fernando Henrique fala sobre esses personagens presentes na sua vida pública, diz que não usa o fígado na política (mas não poupa Itamar Franco e Ciro Gomes de suas críticas) e defende as alianças que fez para governar. E elogia Lula, Caetano Veloso e Chico Buarque.

## FUTURO POLÍTICO

• Não tenho nenhuma intenção de participar de vida político-partidária e eleitoral. Vou estar no PSDB, mas sem ser candidato a qualquer coisa. Sempre pensei que eu queria passar os anos posteriores ao meu governo refletindo um pouco, não só sobre o Brasil, mas sobre a situação internacional, sobre minha experiência... E, para isso, preciso organizar um pequeno centro de trabalho. Até porque preciso sobreviver também. Presidente da República no Brasil não tem aposentadoria; então, é preciso trabalhar. Não vou me empregar em empresas, coisas desse tipo. Vou ter de fazer algo compatível com a minha carreira intelectual.

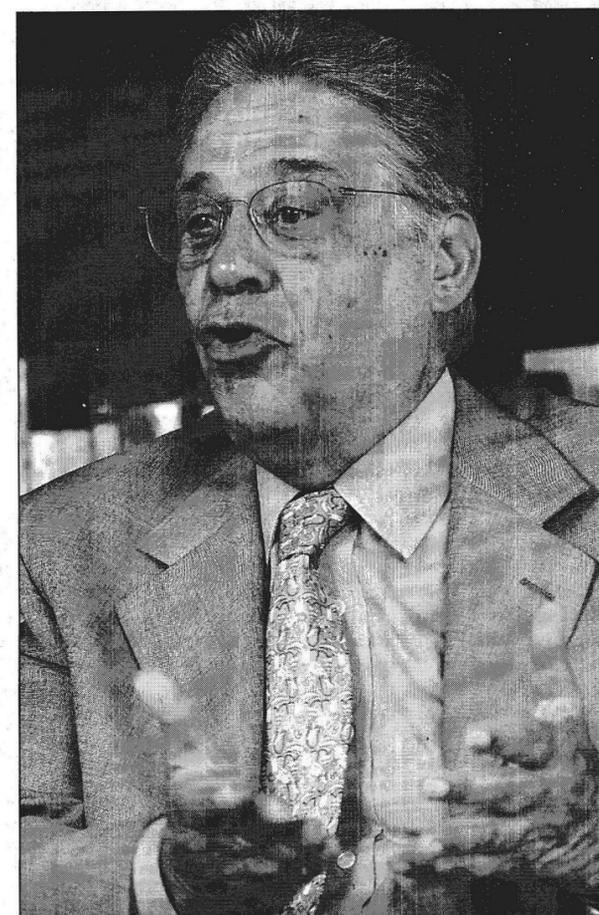
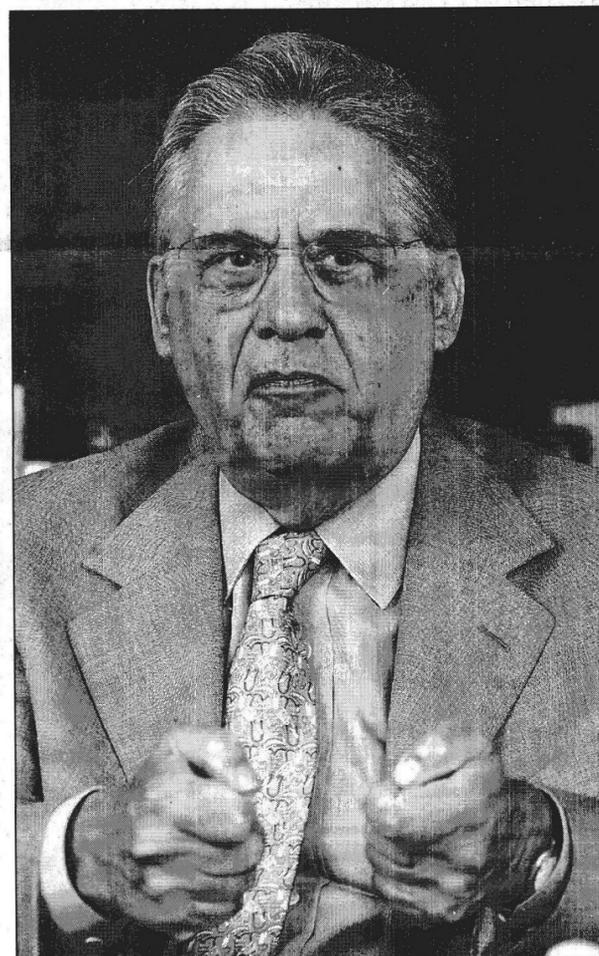
## SONHO DE INFÂNCIA

• Aos oito anos, fui para São Paulo — eu estava no Rio — e o que me interessava, o que eu pensava muito, era em ser militar, como meu pai. Mais adiante, quem sabe, padre. Nunca pensei em ser político. Tive a infância normal como a de todo garoto de classe média. Mesma coisa, direitinho, sem tirar nem pôr. Família numerosa, tios, avós, essa coisa toda. Bastante mimado.

## ROMANCISTA

• Eu queria ser autor de romances porque, na verdade, já na adolescência, eu lia muita literatura. Houve uma certa época em que tive, junto com os irmãos Campos, o Décio Pignatari e o Bóris Fausto, hoje historiador, uma revista chamada "Revista de Novíssimos". Era uma revista de literatura. Eu tinha 17 anos, estava entrando para a faculdade. Lia muito. Na verdade, alguém escreveu que aprendi literatura lendo Balzac. É verdade. Meu pai tinha muita literatura francesa, mas eu me interessava muito mais pela chamada literatura nordestina: Graciliano Ramos, Jorge Amado... Uma literatura de crítica social, na verdade. Uma vez, estava em Lindóia, uma estação de águas em São Paulo. Eu tinha 18 anos, tinha entrado para a faculdade de filosofia. E lá encontrei um senhor, que eu não sabia ainda quem era, chamava-se Fidelino Figueiredo, um grande historiador da literatura portuguesa. Era um dos maiores historiadores da literatura portuguesa e estava no Brasil exilado por causa do Salazar. No hotel em que estávamos, queríamos entender o que Fidelino Figueiredo estava lendo. E comecei a conversar com ele. Naquela época eu estava interessado na poesia do momento, a chamada geração de 40 de São Paulo, dos poetas da época. E fiquei muito decepcionado porque ele não os conhecia. Ele estava lendo — ele era professor — Camões, Camilo Castelo Branco... Esse era o tipo de preocupação dele: os clássicos da literatura portuguesa. A literatura que me entusiasmava, por exemplo, Carlos Drummond, não era a mesma que ele lia. Mas foi ele que me aconselhou a fazer vestibular para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, que era um núcleo em São Paulo e tinha sido feito para renovar a universidade, com professores estrangeiros e tal.

Ailton de Freitas



## PARTICIPAÇÃO NA POLÍTICA

• Havia no MDB o leps — Instituto de Estudos e Pesquisas Sociais. E, sobretudo no Rio Grande do Sul, havia uma movimentação muito ativa. O Pedro Simon era o líder lá, jovem deputado. Então, fomos muito ao Rio Grande do Sul, uns jovens intelectuais, para fazer conferências de análise crítica, de protesto. Isso despertava muito entusiasmo lá. Foi lá que conheci Paulo Brossard. Isso deve ter sido por volta de 1973, por aí. Mais tarde, João Pacheco Chaves foi com Ulysses ao Sebrac, onde eu trabalhava. Por quê? Porque havia um jornalzinho do Fernando Gasparian chamado "Opinião" em que eu escrevia. E eles leram alguns artigos meus. Um deles era sobre o papel da oposição... Os que não conhecem minha trajetória ficam dizendo que agora eu entrei para essa coisa de alianças e de partidos. Eu já pregava isso naquela época. Havia o setor que queria a chamada luta armada. Eu era contra. Eu achava que era preciso fazer a transformação do regime autoritário, mas usando os instrumentos que estavam disponíveis: o MDB, no caso. Tem um artigo que escrevi, acho que era isso, "O papel da oposição", que causou grande celeuma nos meios progressistas e de esquerda, porque era considerado, na linguagem de hoje em dia, de direita. Na verdade, não era. Era apenas uma questão de bom senso e de posição consequente para permitir mudanças, que era o que sempre quis. Bem, então, o Pacheco levou o Ulysses ao Sebrac. Eles achavam que era um núcleo político. Não era. Era um centro de pesquisa com gente, toda ela, ou quase toda, posta para fora da universidade, críticos do regime, mas nunca misturamos a pesquisa sociológica, econômica, política com atividade política. E a vida inteira fomos perseguidos como se aquilo ali fosse um núcleo de ativistas no sentido de subversivos. Podia ser em outro sentido, das idéias sim. E o Ulysses foi lá com o Pacheco e propuseram-nos ajudar na feitura de um programa do MDB. Eu disse: "Aqui não se faz isso. Eu vou perguntar se algum dos membros daqui tem interesse nesse trabalho". Alguns aceitaram, notadamente o Francisco Weffort, o Paul Singer, o Chico de Oliveira, a Maria Hermínia Tavares de Almeida — todos professores hoje, na USP. Nós então fizemos um programa de campanha do MDB, um livrinho vermelho. Se você for fazer a história dos partidos políticos, aquele foi o primeiro modelo do que é o partido político hoje, de todos esses partidos que estão aí. Foi uma inovação, porque nós éramos, digamos, talvez até subconscientemente, social-democratas. Eu vim a Brasília, para a casa — acho — do Amaral Peixoto. Lá estavam Tancredo, Ulysses, Montoro — que passou depressa — os líderes do PMDB. Nós estávamos achando que eles iriam recusar, porque os víamos como muito conservadores. Nossa proposta era dar um tom mais de discurso social à campanha. Eles aprovaram. E fizeram isso. E ganharam as eleições de 74. Não por causa do programa, certamente apenas ajudou.

## AMEAÇA DE PRISÃO E DANÇA

• Então, em 77 é que veio essa história de entrar para o MDB. Havia muita movimentação, a SBPC, muitos intelectuais, muita agitação, eu sempre fazia discurso criticando, expondo essas teses, que são as minhas até hoje. A maior reunião da SBPC foi em Brasília. Ameaçaram prender a mim e ao Florestan Fernandes. Fomos almoçar na casa do Severo Gomes. E o Severo botou música, houve dança. O Severo era ministro! Ou seja, isso é o Brasil.

## CANDIDATURA AO SENADO

• Daí em diante, passei a ter muito contato com o Ulysses. Quando chegou 77, fizemos várias reuniões de intelectuais críticos para saber se havia alguém com possibilidade de ser candidato ao Senado, no PMDB, porque o Ulysses queria ampliar o leque. O candidato oficial era o Montoro, e havia sublegenda. Eu me inscrevi no MDB para ser candidato. Eu não sabia nem onde era a sede. Funcionava no subsolo da Câmara dos Vereadores. Só quem sabia era o Flávio Bierrembach, que era vereador. Bem, eu ganhei da Arena. Tive mais votos de que o Cláudio Lembo na época.

## O SECTARISMO PETISTA

• Mais tarde, houve um encontro de metalúrgicos em Lins. E aí tinha um deputado, me fuge seu nome, deputado de Santo André, e que era o grande concorrente do Lula na questão sindical, foi deputado federal. Ele, com a Convergência Socialista, propôs o PT — o Partido dos Trabalhadores. E o Lula entrou, estava na disputa com ele. E o PT começou a entrar em um partido de muito sectarismo lá no início, na origem, desses grupos que ainda estão por lá. Escrevi contra, não pela razão de que eu queria ser suplente, mas porque eu era contrário... Eu tenho artigos em que eu digo o seguinte: "Olhe aqui, estão fazendo um partido de trabalhadores, de classe, de classe operária no momento em que isso está acabando no mundo. O que vai haver são assalariados". Eu até escrevi isso: "Precisamos fazer um grande partido de assalariados, e não de trabalhadores stricto sensu". Ou seja, ele foi ideológico. Eu favorável, como sempre fui, às alianças. Esses vários grupos, José Dirceu, todos esses, organizaram o PT numa visão — e agora estão tentando ver se se livram dela — sectária, e à qual eu era contra já naquela época.

## RELACIONAMENTO COM LULA

• Se me sinto orgulhoso de Lula dizer que fez campanha para mim? Mas eu também não tenho vergonha de ter feito a campanha dele, e fiz, e votei nele em 89. Eu votei nele. Aí estamos quites. Eu já retribuí em 89. Estou quite. Agora, pessoalmente, nunca tive uma relação difícil com Lula. Não tenho. O PT tem sido um partido que personaliza o ataque, que é uma coisa que acho errada. Para facilitar, eles transformam o FHC no alvo. Tudo é contra mim, pessoalmente. Mobilizam muito contra, enfim, têm esse ranço que não é próprio da esquerda, é mais da direita.

## ESTILO CONTRADITÓRIO

• Acho que o mundo é contraditório, as pessoas são contraditórias, não é? Gosto de gente, das pessoas, gosto de conversar independentemente de cor política, de classe, de gênero, de idade. Eu tenho a capacidade de separar, até mesmo para me preservar, se não vou ficar com raiva de todo mundo... Não posso fazer política com o fígado. Eu não faço. Então, eu consigo — tento, pelo menos — evitar tomar os ataques de maneira muito pessoal. Agora, isso não quer dizer que eu não seja afetivo. Do Lula eu gosto, eu sempre disse isso a ele. Uma vez o Lula veio conversar comigo, depois de muita insistência, em dezembro de 98, com Cristovam Buarque. Eu disse: "Lula, nunca vi seus ataques na minha televisão. E não vi por uma razão simples: cansaram de me dar fitas para eu ver e tal, e eu não vejo. Por quê? Se eu for ver, eu vou ficar com raiva. Eu não quero ter raiva, eu não acho bom".

• AS OPINIÕES DE FERNANDO HENRIQUE SOBRE ITAMAR, CIRO E BRIZOLA na página 4